

# EDUCAÇÃO AMBIENTAL POPULAR NUMA PERSPECTIVA DIALÓGICA, COLABORATIVA E INTEGRATIVA DE SABERES CIENTÍFICOS E EXPERIENCIAIS

Cassiano Pamplona Lisboa<sup>1</sup>, Anielli de Cássia Canuto<sup>2</sup>, Jéssica Réquia Blini Duarte<sup>3</sup>

## RESUMO

Neste relato apresentamos algumas das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão "Educação Ambiental Popular no enfrentamento à situação de calamidade no RS" junto à Escola Estadual de Ensino Fundamental Camila Furtado Alves. Localizada no bairro Floresta, no município de Porto Alegre, RS, esta escola foi diretamente atingida pela inundação de maio de 2024. Estudam lá, em turno integral, aproximadamente 100 crianças e jovens de comunidades vulneráveis da capital. Tomando como referência a perspectiva da Educação Ambiental Popular, na qual o processo educativo é compreendido como um ato político e como prática social de formação de cidadania, as ações extensionistas aqui descritas tiveram como principal objetivo configurar espaços de diálogo, construção coletivas de conhecimentos e formação

<sup>1</sup> Doutor em Educação, Docente de Ensino de Biologia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Porto Alegre. E-mail: cassiano.lisboa@poa.ifrs.edu.br

<sup>2</sup> Técnica em Meio Ambiente, Estudante do Curso de Gestão Ambiental da UniRitter. E-mail: anidcassia@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante do Curso de Gestão Ambiental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Porto Alegre. E-mail: jessicablini@gmail.com

continuada para os integrantes da comunidade escolar. Entre elas, destacamos a realização de oficinas de educação ambiental voltadas aos estudantes dos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental. Como resultados, obtivemos momentos significativos de trocas, aprendizados e afetos. As crianças puderam expressar suas concepções acerca dos temas trabalhados e repensá-las com base nas concepções dos seus colegas e nas informações apresentadas pelos ministrantes. Além disso, estabeleceram relações diversificadas entre o que estavam aprendendo e seus mundos de vida, ressignificando suas leituras sobre eles.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental Popular. Extensão universitária. Diálogo de saberes.

## Introdução

Neste relato apresentamos uma síntese das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão “Educação Ambiental Popular no Enfrentamento à Situação de Calamidade no RS”. Este projeto surgiu como uma resposta educacional e social aos impactos das catástrofes climáticas recentes que vêm afetando diferentes regiões do planeta e, de forma particular, o estado do Rio Grande do Sul e o município de Porto Alegre. Configura-se, pois, como um desdobramento extensionista de diálogos e ações que vêm sendo desenvolvidos nos componentes curriculares de Educação Ambiental dos cursos Técnico em Meio Ambiente, Tecnologia em Gestão Ambiental e Licenciatura em Ciências da Natureza do IFRS, Campus Porto Alegre. Tomando como referência a perspectiva da Educação Ambiental Popular (Carvalho, 2001), na qual o processo educativo é compreendido como um ato político e como prática social de formação de cidadania, o projeto de extensão objetiva contribuir para a qualificação da formação inicial dos estudantes desses cursos a partir da aproximação e do diálogo com diferentes setores da sociedade. Objetiva também contribuir para a promoção da Educação Ambiental Popular em instituições de educação públicas, configurando espaços de diálogo, construção coletivas de conhecimentos e formação continuada para suas comunidades escolares.

Apartir do estabelecimento de parcerias com escolas públicas diretamente atingidas pelos eventos climáticos extremos deste ano, nossa metodologia de trabalho prevê a realização de diagnósticos socioeducacionais e o

levantamento de demandas junto a essas instituições e suas comunidades escolares; o planejamento de ações educacionais ambientais populares; o desenvolvimento e a avaliação coletivos dessas ações. A equipe de trabalho é composta por estudantes bolsistas e voluntários dos três cursos já mencionados. Além destes, foram incluídos no segundo semestre de 2024 os estudantes do terceiro semestre do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental matriculados no componente curricular de educação ambiental, num esforço e ensaio de curricularização da extensão.

As ações extensionistas que serão detalhadas a seguir foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Camila Furtado Alves, localizada no Bairro Floresta em Porto Alegre. Esta escola atende em turno integral aproximadamente 100 crianças e jovens de comunidades vulneráveis, como os moradores do Loteamento Santa Terezinha (também conhecido como Vila dos Papeleiros) e de outras regiões próximas. A principal fonte de renda das famílias advém da catação e comercialização de materiais recicláveis. A escola foi diretamente atingida pela inundação ocorrida em maio de 2024 e, desde então, enfrenta desafios estruturais significativos. Embora disponha de espaços de lazer para os alunos, boa parte da área externa necessita ser revitalizada. Nesse contexto, as ações educativas desenvolvidas buscaram transformar o ambiente escolar em um espaço mais acolhedor, assim como promover entre os estudantes a reflexão acerca dos seus ambientes e modos de vida.

### **Desenvolvimento**

Após a divulgação do projeto de extensão junto à equipe diretiva da escola e da formalização da parceria, iniciamos nosso diagnóstico socioeducacional nos moldes das pesquisas socioantropológicas descritas por Brandão (2003) e Franco et al (2020). Nosso intuito principal nesta etapa foi o de estabelecer vínculos com os sujeitos, identificar suas principais demandas e engajá-los na definição das ações a serem desenvolvidas. Uma das primeiras demandas identificadas durante o diagnóstico foi a da revitalização das áreas externas da escola. Nos diálogos estabelecidos, nossos interlocutores manifestaram o desejo de construir uma horta e de plantar árvores nos pátios utilizados como espaços de lazer pelos estudantes; ao mesmo tempo, externaram suas preocupações com uma possível contaminação do solo, haja vista a qualidade das águas e o tempo em que ficou submerso durante a inundação.

A primeira ação desenvolvida, portanto, foi a realização de uma análise detalhada das condições do solo. Por meio de uma parceria com professores da área de Ciências Ambientais do IFRS, campus Porto Alegre, a análise foi realizada pelos estudantes do terceiro semestre do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental em duas áreas da escola, incluindo testes laboratoriais no IFRS e na UFRGS. Entre os resultados obtidos, identificou-se a alta salinidade e concentração de coliformes fecais, além de alterações na biodiversidade devido à submersão prolongada do solo. O estudo concluiu que o solo da área de convivência, embora fértil, necessitava de manejo específico, incluindo revolvimento, exposição ao sol e adição de solo orgânico (terra preta). Essas intervenções foram recomendadas para restaurar a saúde do solo e viabilizar o plantio de árvores e hortaliças.

Em seguida, planejamos e implementamos oficinas de educação ambiental voltadas aos estudantes dos quatro primeiros anos do ensino fundamental. Também com base no diagnóstico realizado, essas oficinas versaram sobre temáticas relacionadas aos cotidianos dos estudantes e tiveram como objetivo comum promover “uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações” (BRASIL, 1999). Esse objetivo da EA, definido em nossa Política Nacional de Educação Ambiental e reafirmado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (BRASIL, 2012), fundamenta-se numa concepção de ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre os meios natural e sociocultural.

Para tanto, considerando as faixas etárias do público-alvo, as oficinas foram planejadas com base em metodologias ativas de aprendizagem, enfatizando aspectos lúdicos e a participação ativa das crianças. Esse planejamento se deu no âmbito da disciplina de educação ambiental, novamente pelos estudantes do terceiro semestre do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental. Sob a forma de rodas de conversa, o arranjo metodológico das oficinas privilegiou as concepções dos estudantes numa sequência de momentos cujas durações dependeram dos seus interesses e nível de engajamento. As temáticas trabalhadas foram as seguintes: flora nativa (primeiro ano) (Figura 1); gestão de resíduos (segundo ano) (Figura 2); concepções de ambiente (terceiro ano); e matérias-primas da natureza, de onde vêm e no que se transformam (quarto ano).



**Figura 1.** Oficina sobre a flora nativa. Fonte: próprios autores (2024).



**Figura 2.** Oficina sobre gestão de resíduos. Fonte: próprios autores (2024).

Como resultado dessas oficinas, obtivemos momentos muito significativos de trocas, aprendizados e afetos. As crianças puderam expressar suas concepções acerca dos temas trabalhados e repensá-las com base nas concepções dos seus colegas e nas informações e questionamentos apresentados pelos ministrantes. Além disso, estabeleceram relações diversificadas entre o que estavam aprendendo e seus mundos de vida, ressignificando suas leituras sobre eles. A compreensão de que o ambiente é um todo integrado do qual fazemos parte foi efetivamente promovida por meio das atividades propostas e se expressou em diferentes momentos nas falas, perguntas, desenhos e atitudes das crianças. Por fim, também como um resultado dessas oficinas, tivemos o início do plantio de árvores nativas no pátio da escola com a participação da turma de primeiro ano do ensino fundamental que “adotou” – e a partir de agora poderá acompanhar o crescimento de – duas mudas: uma pitangueira (*Eugenia uniflora*) e uma erva-mate (*Ilex paraguarienses*).

## Conclusão

À guisa de conclusão, gostaríamos de destacar algumas de nossas apostas quando da concepção deste projeto. A primeira delas se refere ao arranjo metodológico que objetivou promover a integração entre os estudantes desses três cursos que possuem como eixo comum a temática ambiental. Concluídas as atividades descritas acima e considerando o retorno que obtivemos de todos os envolvidos, parece-nos plausível continuar acreditando nas potencialidades desse tipo de diálogo por meio do qual diferentes itinerários formativos, naquilo que os distingue, complementam-se reciprocamente. Em direção semelhante, no que tange à promoção da integração entre o conhecimento científico e os conhecimentos das comunidades escolares com as quais interagimos, a busca por uma escuta sensível e pela participação ativa dos seus integrantes na definição das ações extensionistas que serão desenvolvidas nos parece um posicionamento interessante de ser adotado, pois possibilita “não só a fusão e integração de conhecimentos provenientes de diferentes ciências, mas a reformulação de seus paradigmas de conhecimento a partir dos problemas socioambientais concretos que se apresentam à competência de novos profissionais” (LEFF, 2001, p.261)

Ao considerar o ambiente como um “campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os elementos constitutivos dessa relação modificam-se dinamicamente e mutuamente”

(CARVALHO, 2008, p.37), nossa concepção de educação ambiental aponta para a importância da adoção de uma perspectiva dialógica, colaborativa e integrativa de saberes científicos e experienciais (CORBETTA, 2015). No projeto de extensão em tela, portanto, a adoção dessa perspectiva se converte simultaneamente em condição de possibilidade para a promoção de uma compreensão integrada do ambiente e em eixo em torno do qual o arranjo metodológico se estrutura.

Esperamos com isso que as ações extensionistas que vêm sendo desenvolvidas se convertam em tempos e espaços de escuta, desistematização coletiva de memórias e experiências, de construção de saberes e de articulação entre diferentes disciplinas e áreas do saber, permitindo aos sujeitos envolvidos a reflexão crítica acerca dos lugares sociais que ocupam e a reconstrução criativa de suas identidades à luz de seus itinerários de vida.

## Referências

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. **Pergunta a várias mãos**: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003. BRASIL.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Lei 9795, 1999.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012**. Estabelece as diretrizes curriculares nacionais para a educação ambiental. Brasília: MEC, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. **Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent.** Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2001.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Editora Cortez, 4. ed., 2008.

CORBETTA, Sílvia. Pensamiento Ambiental Latinoamericano y Educación Ambiental. **Revista del Plan Fénix. Voces en el Fénix. Voces de la Tierra**, v. 6, n. 43, 2015.

FRANCO, Ronan Moura *et al.* Pesquisa socioantropológica: estratégia dialógica de construção do diagnóstico preliminar da realidade escolar. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e514974330-e514974330, 2020.